

ISSN: 2176-5960

**PROMETEUS FILOSOFIA**  
**CATEDRA UNESCO ARCHAÍ VIVA VOX**  
abril de 2017 número 22

ISSN: 2176-5960



## O CERTAME DE ALCIDAMANTE E ISÓCRATES

**Lucio Lauro Barrozo Massafferri Salles**  
**Doutorando em filosofia IFCS/UFRJ**

**RESUMO:** Este artigo se originou da apresentação de um trabalho meu no Vº Simpósio Internacional Ousia. No presente texto eu compartilho reflexões sobre uma pouco investigada cisão entre Alcídante e Isócrates, que ocorreu no cerne da escola de Górgias Leontino. De um lado desse desacordo posicionou-se Alcídante, o discípulo herdeiro de Górgias, em Atenas, que era defensor da técnica de Górgias de improvisar discursos (*autoschediastikê*). E, do outro lado da contenda, colocou-se Isócrates, o discípulo de Górgias que se tornou líder de uma escola de filosofia onde se priorizava as práticas da leitura e da escrita, na transmissão dos saberes. No texto serão cotejadas algumas das posições de ambos os pensadores, no que tange ao alcance da palavra falada e da escrita, tanto como meio e fim de uma formação.

**PALAVRAS- CHAVE:** Filosofia. Sofística. Retórica. Alcídante. Isócrates.

**ABSTRACT:** This article has been originated from the presentation of my work at the Vº International Symposium Ousia. In this text I share reflections about a little-investigated split between Alcidas and Isocrates, which took place at the heart of Gorgias Leontino's school. By one side of this disagreement has positioned itself Alcídante, the heir disciple of Gorgias, in Athens, which was a champion of the technique of Gorgias of improvising speeches (*autoschediastikê*). And on the other side of the dispute, was placed Isocrates, the disciple of Gorgias who became leader of a school of philosophy where it prioritized the reading and writing practices in the transmission of knowledge. The text will be compared some of the positions of both thinkers, regarding the scope of the spoken word and writing, both as a means and end of training.

**KEY-WORDS:** Philosophy. Sophistic. Rhetoric. Alcidas. Isocrates.

Este texto visa compartilhar uma discussão que emergiu de uma divergência ocorrida no seio da antiga tradição sofística grega. Trata-se de uma dissensão que ficou marcada pela adoção de estilos filosóficos divergentes, por parte de dois dos mais conhecidos discípulos de Górgias, que se tornaram líderes de escola rivais, em Atenas, a saber: Alcídamente de Eléia e Isócrates.

Na contramão de interpretações mais ou menos acríicas das humoradas caracterizações da sofística feitas por Platão, o que iremos observar são alguns dos pensamentos de Alcídamente e de Isócrates, tal como eles legaram, por escrito. Diante disso, cabe reconhecer que pode soar estranho, para alguns, escutar que, de Górgias, “o pai da sofística”<sup>1</sup>, derivaram duas escolas de filosofia, rivais e anteriores a Academia de Platão, cujas formações oferecidas estavam intimamente ligadas às distintas qualidades, das linguagens, oral e escrita.

Tanto Alcídamente, como Isócrates, concebiam a “filosofia” de um modo diferente do que Platão ajudou a consagrar como uma disposição humana, específica, para dialetizar eroticamente em busca de verdades ideais, transcendentais ou formais.

Para esses dois discípulos de Górgias, compreendida como uma *paidéia* em que se transmite saberes pontuais, a formação filosófica deveria priorizar o preparo dos indivíduos para uma vida política ativa, onde a noção de momento oportuno (*kairós*) possuiria fundamental valor, assim como a excelência no uso da linguagem, falada ou grafada, teria tanto um caráter de finalidade, como o de um instrumento privilegiado, para se alcançar uma sólida formação sapiencial. É notório que essa perspectiva provém de Górgias, uma vez que seu estilo filosófico se caracterizou por um tipo de dialética que priorizava o exercício da oralidade e da escrita, em vista do aprimoramento dos seus discípulos no manejo dessas modalidades de linguagem, sem, que, de sua parte, Górgias, isso significasse um descuido com a transmissão de outros saberes<sup>2</sup>.

Entretanto, mesmo com Górgias possuindo um horizonte teórico amplo, onde se incluem teses inusuais, para época, sobre a *dýnamis* da linguagem humana, a partilha da herança dos seus saberes ficou marcada por esse certame, que, a bem da verdade, só ficou conhecido graças à publicação e preservação de dois manifestos, onde se lêem

<sup>1</sup> C.f. Filóstrato. *Vida dos Sofistas*. I, 9, 1ss.

<sup>2</sup> C.f. onde Hegel define a dialética praticada por Górgias como uma “*dialética da eloquência*”, uma dialética pura, com traços da antiga filosofia eleática, que se movia “*dentro do marco dos conceitos*” (*Lecciones sobre la historia de la filosofia*. Vol. II. Tradução de Wenceslao Roces. México: Ed. Fondo de Cultura Económica. 1995 [1833], pg. 34-36).

defesas de posições filosóficas antagônicas, sobre o alcance e a potência da fala presencial e da escrita.

De um lado dessa contenda, sucedendo Górgias à frente de uma escola em Atenas<sup>3</sup> com a recepção da técnica gorgiana de improvisação de discursos (αὐτοσχεδιαστικῆς) como norte de uma prática sofisticada à qual se subordinava o ensino de filosofia e retórica, se encontrava Alcidas de Eléia, a quem Platão disfarçou, no *Fedro*, sob a alcunha de “Palamedes Eleático”<sup>4</sup>; como observou atentamente Quintiliano<sup>5</sup>. E, do outro lado, postou-se Isócrates, o discípulo de Górgias que sempre evitou o *agôn* da oratória pública e cuja migração da logografia forense profissional, para a chefia de uma escola de filosofia formadora de pensadores-escritores, foi, também, referida no *Fedro*<sup>6</sup>, com uma enigmática e humorada saudação, de Platão.

Longe de ser uma unanimidade, indico que a leitura aqui adotada é a de que a redação do *Sobre os Sofistas*<sup>7</sup>, de Alcidas, pode ter motivado a escrita do *Contra os Sofistas*, de Isócrates<sup>8</sup>. Digo isso, baseando-me no fato de que no prólogo do seu ensaio, Alcidas anuncie, com humor, a formulação de uma acusação (*kategoria*) contra escritores habituais, o que pode ser interpretado como uma provocação ao passado de logógrafo forense de Isócrates.

Com essa provocação, é possível que Alcidas tenha impellido Isócrates a escrever uma defesa do seu próprio estilo. Defesa essa, que viria a ser interpretada mais como uma espécie de panfletagem dos métodos utilizados por ele, Isócrates, em sua recém inaugurada escola, do que como uma *apologia*, isto é, um contra-discurso, que

<sup>3</sup> C.f em Dionísio de Halicarnasso (*Sobre Isaías*. 19) e na *Suda* (Górgias. 388; Alcidas. 1283.1).

<sup>4</sup> (261 b - e). Esse possível disfarce é examinado em minha tese, onde comparo passagens do *Fedro* e do *Sofista*, com o *Sobre os Sofistas*, de Alcidas, e o *Contra os Sofistas*, de Isócrates. A respeito dessa possível identidade entre Alcidas e o “Palamedes Eleático”, de Platão, ver em Milne, M. J. (*A study in Alcidas and his relation to contemporary sophistic*. Tese, Pennsylvania, 1924), em Avezzù, G. (*Alcidas. Orazioni e frammenti*. Testo, introd., trad. e note a cura di G. A. [Boll. Ist. Filol. Gr., Suppl. 6], Roma, 1982, pg. 7), em Dusanic, S. (*Alcidas of Elea in Plato's Phaedrus*. *Class. Quart.* n.s. 42 (1992), 347-357) e em Guillen de La Nava, M. (*Reflexiones en tomo al discurso contra los sofistas de Alcidas de Elide*, Pensamiento. LVI 216. (2000), 469-476), entre outros.

<sup>5</sup> *Instituição Oratória*. III. 1; 8-10.

<sup>6</sup> 279 a.

<sup>7</sup> Esse texto é conhecido também como *Contra aqueles que escrevem discursos escritos* [περὶ τῶν τοῦς γραπτῶν λόγων γραφόντων] e o *Códice* mais antigo em que ele se encontra é o *Palatinus graecus* 88, datado do século XII.

<sup>8</sup> Sobre a informação de que a abertura da escola de Isócrates se deu provavelmente com Górgias ainda vivo, ver em Dionísio de Halicarnasso (*Lísiias*. 28-30). López Cruces situa a abertura da escola de Isócrates por volta de 393 – 392 a.C, datando a escrita do seu *Contra os Sofistas* [κατὰ τῶν σοφιστῶν] em torno de 391 – 390 a.C (c.f. *Isocrate d' Athènes* (I 38), *DPhA* 3 [2004], pg.897). Por sua vez, Guido Avezzù (1982, p.71) estabelece uma cronologia, onde o *Sobre os Sofistas* e o *Contra os Sofistas* teriam sido escritos, ambos, por volta de 390 a.C.

parte de uma acusação humorada de Alcidamante, para tentar desconstruí-la. Além disso, entendo que, quando algumas fontes dizem ter sido Alcidamante o sucessor de Górgias, à frente de uma escola, o que também pode estar sendo dito é que, mesmo com Górgias tendo um *êthos* itinerante e cosmopolita, essa pouco comentada escola poderia já existir, antes da abertura do instituto de Isócrates, ou seja, é possível que Alcidamante tenha ficado próximo a Górgias, até os últimos momentos em que esse siciliano ensinou em Atenas.

Dentre inúmeros comentadores que divergem, entre si, sobre qual dos dois textos, o de Alcidamante ou o de Isócrates, teria sido escrito primeiro, Brand McAdon é um dos que ressalta a dificuldade em precisar as datas em que esses textos foram escritos, ao mesmo tempo em que insinua com a possibilidade de uma precedência do texto de Alcidamante, lembrando-nos da informação disseminada, de que Alcidamante talvez já lecionasse em uma escola [a que viria herdar de Górgias (?)] entre o final do V e o início do IV século a.C.<sup>9</sup>

Analisando a questão com mais profundidade do que McAdon, Marjorie Milne defende, em sua tese, que Platão parece ter adotado diversas objeções que Alcidamante fazia a Isócrates e a Lísias, para compor, no *Fedro*, algumas de suas críticas aos rétores e logógrafos profissionais<sup>10</sup>. E, em uma via próxima a de Milne, Ángel Castello<sup>11</sup> defende, em sua tese, a perspectiva de que Alcidamante possa, de fato, ter reagido à abertura da escola de Isócrates, escrevendo o agonístico *Sobre os Sofistas*, onde ele censura e ironiza seu condiscípulo, dando causa para que esse responda com a escrita do *Contra os Sofistas*.

Contudo, independentemente das posições nem sempre concordes dos comentadores dessa questão, é Isócrates quem dá pistas significativas de que seu texto visava refutar objeções que Alcidamante lhe endereçara, no *Sobre os Sofistas*, uma vez que, no *Contra os Sofistas*, Isócrates sutilmente desqualifica a técnica de improvisação

<sup>9</sup> C.f. em Brand McAdon. *Plato's Denunciation of Rhetoric in the Phaedrus*. *Rhetoric Review*, Vol. 23, Nº. 1 [2004]. Pg. 21-24.

<sup>10</sup> Milne, M. J. *A study in Alcidas and his relation to contemporary sophistic*. Tese, Pennsylvania, 1924.

<sup>11</sup> Castello, A. L. *La tensión entre la oralidad y escritura em Grecia y el testimonio de Alcidas de Elea*. Buenos Aires. Ed. de la Facultad de Filosofía y Letras Universidade de Buenos Aires. 2010, Pg. 336.

gorgiana<sup>12</sup>, contrariando a vanglória de Alcídante de que os sofistas hábeis em improvisar discursos saberiam, também, escrever com arte, uma vez que o domínio da técnica de improvisação, não somente era superior, como englobava e subordinava o domínio da técnica da escrita (*graphikê*).

Para Isócrates, estes [como Alcídante] eram tão estúpidos, crendo que os demais é que o seriam, que, “*escrevendo piores discursos do que alguns leigos improvisariam*”<sup>13</sup>, prometiam fazer de seus discípulos rétores habilidosos, que não deixariam escapar nada que existisse para ser debatido, sobre qualquer assunto colocado em discussão<sup>14</sup>. Se, de um lado, Alcídante rebaixava a escrita à condição de técnica menor do que a da fala presencial, do outro, por sua vez, Isócrates afirmava que, muito pelo contrário, a excelência na arte da escrita não era uma qualidade inerente a meros improvisadores de discursos.

Posto isso, faremos agora uma leitura sobre passagens específicas do *Sobre os Sofistas*, observando, na sequência, o posicionamento de Isócrates, em seu *Contra os Sofistas*, que é onde ele responde a alguns itens da *kategoría* que lhe fora endereçada por Alcídante.

Iniciamos por uma fala antológica de Cícero, onde ele fabrica uma imagem de emulação envolvendo práticas profissionais, de oratória pública e de escrita, no seio da antiga tradição sofística atuante em Atenas, entre o final do V<sup>o</sup> e o início do IV<sup>o</sup> século a.C. Talvez influenciado por um texto de Aristóteles, para nós perdido [*Synagōgē Technōn*], Cícero comenta a atividade profissional docente de Isócrates, em Atenas<sup>15</sup>, sem aludir a Alcídante, cabendo ressaltar, entretanto, que Cícero conhecia o pensamento de Alcídante, chegando a qualificá-lo como “um dos mais considerados

<sup>12</sup> Além do *Sobre os Sofistas* (§30), de Alcídante, a única outra ocorrência de αὐτοσχεδιαστικῆς, encontrada no *corpus* antigo, é na posterior *Poética* (1449 a 10), de Aristóteles, onde o estagirita nos diz se tratar de uma antiga técnica de improvisação poética, usada nos primórdios do desenvolvimento das tragédias, o que remete à poesia épica de Homero. Sobre a alusão de Isócrates à αὐτοσχεδιαστικῆς defendida por Alcídante, ver em Milne (1924, p. 21).

<sup>13</sup> C.f. em *Contra os Sofistas* (§9): χειρὸν γράφοντες τοὺς λόγους ἢ τῶν ιδιωτῶν τινὲς αὐτοσχεδιάζουσιν.

<sup>14</sup> É possível que a menção feita por Isócrates aos “*sofistas que se vangloriavam de saber ensinar discursos políticos* (πολιτικούς λόγους)” seja uma referência a Alcídante (*Contra os Sofistas*. §9-10). Ver em *Antidosis* (XV. 193), onde Isócrates diz ter escrito um texto [*Contra os Sofistas*], no início de suas atividades docentes, onde, além de expor sua opinião, ele censura os que faziam excessivas promessas [provavelmente o *Sobre os Sofistas*, de Alcídante] e em Jaeger, W. (*Paidéia*. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 1995, Pag. 1080), onde ele entende que a alusão de Isócrates aos mestres de eloquência política era provavelmente endereçada à Alcídante de Eléia.

<sup>15</sup> *Brutus*. §48.

rétores antigos”<sup>16</sup>. Ao fim de uma conhecida sequência que se inicia com uma referência aos antigos manuscritos de retórica redigidos pelos sicilianos Córax e Tísias<sup>17</sup>, Cícero descreve sucintamente um movimento de ocupação de espaços, em um já disputado empório de ensino e comercialização de peças escritas, que serviam tanto para o uso político, em geral, como para os casos específicos dos tribunais.

Em síntese, diz Cícero que, primeiramente Lísias teria atuado como professor de retórica, migrando depois para o comércio de peças escritas, a logografia, impulsionado pelo fato de que Teodoro Bizantino lhe seria superior nessa arte (*quod Theodorus esset in arte subtilior*)<sup>18</sup> sendo, no entanto, Teodoro, infértil, ou improdutivo, para escrever discursos (*in orationibus autem ieiunior*). Assim, de acordo com Cícero, associada a uma superioridade na prática das exposições orais, a suposta inabilidade de Teodoro para escrever discursos teria contribuído para que Lísias adotasse a logografia como sua principal atividade profissional. E, podemos que, se, como mestre, Górgias foi uma referência para Isócrates, o que nos atesta Aristóteles<sup>19</sup>, Lísias, por sua vez, foi um paradigma a ser superado por Isócrates<sup>20</sup>, na medida em que Lísias era reconhecidamente um exímio escritor de peças forenses e de discursos políticos.

Cícero conclui essa passagem aludindo a Isócrates e deixando-nos a imagem de três importantes campos de atuação, nessa época, em Atenas, a saber: O do ensino da arte de falar, que, voltado para o exercício da oratória pública, tornara-se quase que uma exigência e objeto de cobiça, nos diferentes espaços de convívio na *pólis*. O da comercialização de peças escritas, bem elaboradas, configurando-se na rentável atividade da logografia profissional. E, o da formação cultural, ou filosófica, que

<sup>16</sup> *Disputas Tusculanas*. (I. 48).

<sup>17</sup> *Brutus*. §46.

<sup>18</sup> A respeito dessa migração, diz Friedländer que: “visando ganhar dinheiro, Lísias teve, então, que se converter em “escritor de discursos”, para os demais” (c.f. em Friedländer, P. *Platon. Verdad Del ser y Realidad de Vida*. Madrid: Ed. Tecnos. 1989, pg. 117).

<sup>19</sup> Para Aristóteles Isócrates foi “o discípulo ilustre de Górgias” (c.f. o Fragmento Rose 139; Ross 3; Gigon 137). Provavelmente é essa informação, a que segue Quintiliano, em *Instituição Oratória* (III. 1; 13).

<sup>20</sup> Segundo Dionísio de Halicarnasso (*Lísias*. 28-29), Isócrates teria se espelhado nas impactantes repercussões dos discursos olímpicos pronunciados por Górgias, em 392.a.C, e por Lísias em 388 a.C. Isócrates mesmo alude a esses discursos, de Górgias e de Lísias, no seu *Panegírico* (3-5, 15), manifestando o desejo de melhorá-los. Além disso, Diodoro da Sicília nos lembra que, agindo politicamente de um modo que despertou a atenção de Isócrates, Lísias exortou os gregos a lutarem contra os tiranos da Sicília, nesse discurso pronunciado em 388 a.C, tendo sido essa fala de Lísias o motivo para que os embaixadores do tirano Dion de Siracusa fossem retirados da festa olímpica (XIV. 109,3). C.f. também em *Vida de Isócrates* (130), de autoria anônima, onde se diz que ocorreram desentendimentos, entre Lísias e Isócrates, sendo contrários, os seus respectivos métodos de formação.

privilegiava as atividades de leitura e produção textual, sendo essas atividades justamente as que Isócrates viria a se dedicar, até o fim de sua vida, após abandonar a carreira de logógrafo que abraçara em sua juventude.

É justamente a essa transição de Isócrates que Platão alude, com humor, no final do *Fedro*<sup>21</sup>, quando, recuando no tempo, Platão compara o estilo de Lísias<sup>22</sup> com o deste “*novo Isócrates*”, o “*jovem promissor*”, que, devido a sua *phýsis*, seria capaz de sobressair no competitivo universo político ateniense, onde a habilidade com a palavra havia se tornado um instrumento fundamental, de ascensão, destaque e poder. É também em referência a esta demanda, pelos serviços profissionais dos logógrafos, que Alcidamante fez, por escrito, uma defesa do estilo de Górgias, para quem a *graphé*, embora pontualmente útil, não seria, entretanto, superior ao alcance e a potência do *lógos* presencial, improvisado.

Sem citá-lo diretamente, e conhecendo a antiga relação de Isócrates com a logografia, no próêmio do *Sobre os Sofistas*, Alcidamante indica que o gênero desse texto será o forense, isto é, tratar-se-á de uma *kategoría*, fabricada como um jogo<sup>23</sup>, ao estilo de Górgias<sup>24</sup>. De início, Alcidamante diz que sua acusação contra os discursos escritos deveu-se ao fato de que, dentre os chamados sofistas, alguns estariam negligenciando, tanto a formação (*paidéia*), como a investigação (*istoría*). Tal como leigos, inexperientes no falar, esses ditos sofistas acreditavam mostrar sua sabedoria (*sophía*) exaltando a dedicação em escrever discursos, e, mais do que isso, “*possuindo somente uma pequena parte da Arte Retórica (retorikê) eles reivindicavam essa técnica por inteiro*”<sup>25</sup>. Ainda nessa passagem, Alcidamante diz dominar a arte da escrita, e, que, os que se afastavam, tanto da retórica, como da filosofia, consumindo suas vidas a

<sup>21</sup> 279 a.

<sup>22</sup> Sobre isso, ver também no *Fedro*, em 277 e; 278 c 277 a-b; 266 c.

<sup>23</sup> Michael Gagarin é um dos que aponta a ironia de Alcidamante direcionada a Isócrates, no *Sobre os Sofistas* (C.f. em *Early Greek Political Thought from Homer to the Sophists*. New York: Ed. Cambridge University Press. 1995, pgs. 276-277). Ver também na *Retórica* (1419 b), onde, referindo-se a parte da *Poética* que tratava do cômico, Aristóteles compartilha a idéia de Górgias, de que “*deve-se demolir a seriedade dos adversários com o riso e o seu riso por meio da seriedade*”.

<sup>24</sup> C.f. no *Sobre os Sofistas* (§34) e no *Elogio de Helena* (§21), de Górgias, a respeito da perspectiva da escrita como um jogo.

<sup>25</sup> C.f. no *Sobre os Sofistas*. §1. Considerando que o *Górgias*, de Platão, foi escrito, provavelmente, após a redação de *Sobre os Sofistas*, encontram-se, nesse texto de Alcidamante, as duas mais antigas ocorrências de ῥητορικῆς, que nos são conhecidas.

escrever, deveriam, com justiça, ser qualificados como poetas (*poietái*)<sup>26</sup>, mas, não como sofistas.

Abro um parêntese para observar os indícios que reforçam a hipótese de ser mesmo Isócrates quem está respondendo, em seu *Contra os Sofistas*, a *kategoria* escrita por Alcidamante.

Primeiramente, ao contrário do que entende Marina McCoy, creio que, em seu texto, Alcidamante não está censurando sofistas<sup>27</sup>, mas, sim, apontando que, para os que exerciam essa função de mestres formadores poderem fazer jus a qualificação de sofistas, eles deveriam ter total domínio dos aspectos formais e conteudísticos do saber que professavam. Em outras palavras, para Alcidamante, um sofista deveria ser tanto mestre na arte retórica, que envolvia a escrita como técnica subsidiária da fala improvisada, incluindo a habilidade na articulação de *enthymémas*, como, também, um praticante da filosofia, sendo essa compreendida como campo de busca, de investigação (*istoría*) e produção de saberes variados.

Em segundo lugar, no *Contra os Sofistas*, Isócrates parece estar sendo direto, quando refuta a objeção alcidamantina de que “*a escrita seria uma parte menor da retórica, [ou da filosofia]*”, isto é, *ipsis litteris* como escreve Alcidamante, no início do *Sobre os Sofistas*, onde ele qualifica a *techné* da grafia como “*uma parte menor da Arte Retórica*”. Na resposta de Isócrates, lê-se que: “*Eu estimaria mais do que muitas riquezas, que a filosofia pudesse tanto quanto eles dizem, pois, quem sabe (?), nós não ficaríamos tão atrás de todos, nem fruiríamos da menor parte dela*”<sup>28</sup>.

Posto isso, cabe lembrar que um dos eixos da argumentação de Alcidamante era a suposta inadequação da escrita às circunstâncias cívicas, ou políticas, onde, a seu ver, os indivíduos precisariam de ter participação ativa, nas tomadas de decisões da cidade. Afinal, qualquer pessoa poderia desprezar uma idéia escrita, “*considerando-a fácil de ser atacada (euepíthetos), simplória e ao alcance de qualquer natureza*”<sup>29</sup>. Para Alcidamante, não seria parte de qualquer caráter, nem de qualquer educação, falar

<sup>26</sup> Op. Cit. §2.

<sup>27</sup> C.f. em *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*. São Paulo. Ed. Madras. 2010, pg. 16. Segundo McCoy: “*além de Platão, Isócrates e Alcidamante disputam o título de filosofia e crítica à sofística*”.

<sup>28</sup> *Contra os Sofistas*. §11.

<sup>29</sup> Alcidamante. Op.Cit. §3. Trata-se de uma perspectiva próxima da que Platão apresenta a partir da narrativa do mito egípcio de Íbis (*Theuth*), no *Fedro* (275 e; 277 a). O termo *euepíthetos*, da linguagem militar, é usado pelo personagem *Estrangeiro de Eléia*, no *Político* (306 a 8-10) para ser referir às disputas e embates discursivos entre os cidadãos na *pólis*.

improvisadamente sobre qualquer assunto que ocorresse, sabendo captar os desejos (*epithymíai*) dos ouvintes, usando *enthymémas* e palavras que brotam da inteligência, expressando-se de modo convincente, no tempo oportuno das circunstâncias (*kairós*)<sup>30</sup>. Mas, pelo contrário, ao se debruçar sobre textos preparados muito antes dos debates, a fim de ter suporte para a sua própria fala, o indivíduo se arriscava a falhar no tempo, impotente que estaria por não saber captar o desejo dos ouvintes. Nesse sentido, o erro seria, ou poder vir a falar mais do que o desejado, ou, pelo contrário, a encerrar a fala antes do que deveria, quando, na verdade, todos ainda desejariam escutá-lo.<sup>31</sup>

Sobre essa passagem, cabe lembrar um testemunho de Filóstrato, em *Vida dos Sofistas*<sup>32</sup>, onde essa competência destacada por Alcídamente corresponde ao estilo de Górgias, que, segundo Filóstrato, teria sido “o primeiro a falar de improviso, tendo se apresentado no teatro, em Atenas, com o notável atrevimento de dizer ao público ouvinte: “proponham-me um tema!”. Apesar disso, não creio que a aludida técnica gorgiana de discursos improvisados (*schédioi lógoi*) correspondesse a uma simples exibição de saberes gerais, onde se sustentaria idéias sobre diversos assuntos, tal como uma *epidéxis* de *polymatía*, assim, como, também, tudo indica que Alcídamente não concebia, em sua *autoschediastikê* de procedência gorgiana, nenhum exercício de simples memorização de textos, tal como se poderia depreender, por exemplo, de uma passagem no final das *Refutações Sofísticas* (183 b), onde Aristóteles diz que a *paidéia* proporcionada pelos que ensinavam *lógoi eristikós*, seria semelhante ao sistema de Górgias, que, no dizer de Aristóteles, “dava a uns, discursos retóricos, e, a outros, discursos interrogativos, para serem memorizados”. Contrariamente a isso, Alcídamente considerava ingênuas, falhas e ineficazes, as ações de simples memorização de discursos, com vistas à defesa de idéias em conversações e debates públicos<sup>33</sup>, podendo, sim, a escrita ser útil, quando usada para medir sinais de progressos do pensamento, ou para registrar recordações para posteridade, ou para estudar o núcleo de uma tese, a ser colocada em debate, sob a forma de argumentos<sup>34</sup>.

<sup>30</sup> Alcídamente. Op. Cit. §3.

<sup>31</sup> Alcídamente. Op.Cit. §22.

<sup>32</sup> Filóstrato. Op. Cit. I. 1.

<sup>33</sup> Alcídamente. Op. Cit. §11, §14, §17, §18, §21.

<sup>34</sup> Alcídamente. Op.Cit. §32, §33.

Nesse sentido, entendo que, para Alcidamante, os *enthymémas* designassem argumentos caracterizados pelo uso pontual do dispositivo do *eikós*<sup>35</sup>, sendo esse, algo como um encadeamento de imagens mentais capazes de fabricar expectativas fundadas, tanto em aspectos emocionais, como em cognitivos, isto é, um dispositivo mental intrinsecamente ligado às circunstâncias (*kairós*) do seu acionamento, via palavra. Assemelhando-se à definição de *eikós* que se encontra no manual de Anaxímenes<sup>36</sup>, essa leitura favorece a uma compreensão do porquê de Alcidamante ter concebido que o aproveitamento pleno do *kairós* se daria em ações diretas, dos falantes sobre as expectativas e desejos dos ouvintes. Em outras palavras, Alcidamante enfatizava a potência e a eficácia da palavra-ação, isto é, da palavra que, em sendo *mímesis* de corpos vivos<sup>37</sup>, poderia ser oportunamente aplicada em diversas circunstâncias e lugares. E, em função dessa capacidade *polytrópica*, o *lógos* agiria como bem quisesse, na *psiquê*, observando-se o detalhe de que seria o desejo livre, de quem escuta, que ele, *lógos*, deveria perseguir e atingir, uma vez que sua *dýnamis* de linguagem animada (*empsychós*) seria capaz não só de fabricar argumentos e persuasão, como também de “atender a necessidade humana”, trazendo “os que erram à razão” ou “consolando desventurados” e “acalmado os desesperados”<sup>38</sup>. Devido a isso, concordando com Monique Trédé, creio ser um fato, que, “tanto em *Górgias*, como em *Alcidamante*, a retórica é uma psicagogia”<sup>39</sup>.

Assim, entendo que a força do *lógos*, que é exaltada por Górgias, no *Elogio de Helena*, é também destacada por Alcidamante, quando ele aponta para a vital importância do livre encontro, entre a palavra daquele que fala, com o desejo daquele que escuta. E, esse encontro, tanto pode nos remeter a uma imagem de violência consentida, tal como a da alma, indefesa e desejante, de Helena, que se deixa conduzir pelas palavras de Páris, como pode mostrar toda força do *êthos* essencialmente democrático que é inerente a prática das falas presenciais entre os pares, ou, se

<sup>35</sup> Em sua *Retórica*, Aristóteles propõe ser o *enthyméma* não somente uma espécie de silogismo (1356 b), como, também, a própria demonstração (*apódeixis*) retórica (1355 a).

<sup>36</sup> *Retórica a Alexandre* (7;4): “O *eikós* é algo que se diz e do que os ouvintes tem exemplos em seus *psiquismos*”. Usei aqui a tradução de José Sanchez Sanz, com pequenas modificações.

<sup>37</sup> Alcidamante. Op.Cit. §27-28.

<sup>38</sup> Alcidamante. Op. Cit. §10. Sobre a analogia entre *lógos* e *phármakon*, ver no *Elogio de Helena* (§14), de Górgias, e também nos testemunhos de Filóstrato (*Vida dos Sofistas*. 1.15) e de Plutarco (*Vida dos Dez Oradores*. 833 c-d), onde é dito que Antifonte de Ramnunte teve um consultório em Atenas, onde tratava as afecções psíquicas dos indivíduos, somente com a palavra, uma vez que, para Antifonte, a palavra teria a potência de uma droga (*ákos*), agindo no *psiquismo*.

<sup>39</sup> Trédé-Boulmer, M. *Kairos. L'à-propos et l'occasion*. Paris. Belles Lettres. 2015, pag. 263.

preferirmos, do exercício cidadão, cotidiano, dos diversos *lógoi politikós*, nos seus múltiplos locais de ação.

Em um pólo oposto a esse, Alcidamante pôs a arte da grafia (*graphikê*), silenciosa, precisa, mas, com capacidade de alcance limitada, se comparada com os discursos vivos. Uma modalidade de linguagem, essa, a da escrita, que Alcidamante considerava ser incapaz de seguir, no tempo, os desejos que realmente motivariam os pares a se reunirem, livremente, tanto para falar, decidir e deliberar, como para serem escutados. Como imagem dessa dissimetria, entre fala e escrita, Alcidamante argumenta usando um exemplo de ausência de liberdade entre cidadãos que seriam hipoteticamente obrigados a escutar discursos escritos por tiranos, aguardando, pacientemente, que esses concluíssem as suas redações, o que seria, na realidade, uma situação de extrema resignação, a qual absolutamente ninguém se submeteria, se não fosse pela implícita força da coação<sup>40</sup>.

A essa imagem, Alcidamante associa outra, de uma hipotética cena de tribunal, para mostrar os elos que, em sua concepção, ligariam desejo (*epithymía*), palavra (*lógos*) e oportunidade (*kairós*). Diz Alcidamante, que: “*Ora, se não seria mesmo ridículo, no caso de um arauto perguntar: “Quem dentre os cidadãos quer falar? Ou, se, com a água da clepsydra já correndo no tribunal, o rétor fosse, de repente, até uma tabuleta, para escrever e memorizar um discurso?”*”<sup>41</sup>

Nesse sentido, interessa observar como que Alcidamante pensava uma perspectiva temporal, presente na idéia do *kairós* de ambiência forense ligada à imagem do relógio d’água (*clepsydra*), relacionada ao campo de ação das falas dinâmicas. Tudo se passa como, se, para Alcidamante, os escritores contumazes se encontrassem aprisionados em uma espécie de ordenação temporal mais lenta do que a experimentada por oradores públicos. E, isso se deveria a uma excessiva dedicação à escrita, fato esse que favorecia a que eles, escritores, caíssem facilmente em estado de *aporia*, de mudez ou *aphonía*<sup>42</sup>, ficando idênticos aos de voz débil (*ischnóphonos*)<sup>43</sup>, quando convocados

<sup>40</sup> Alcidamante. Op. Cit.§11.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Alcidamante. Op.Cit.§15.

<sup>43</sup> Alcidamante. Op.Cit.§16. Como bem lembra McCoy (2010, p. 17), a crítica de Alcidamante aos expoentes da sofística que se destacavam mais como autores de obras escritas, do que como *rétores*, provavelmente não se resumia a Sócrates, podendo ser citado, também, aqui, a título de exemplo, o próprio Platão, que, de acordo com Diógenes Laércio (*Vidas e Doutrinas dos Filósofos*. III. 5), possuía uma voz débil (*ισχνόφωνός*), o que pode ter dificultado sua maior participação nos espaços públicos,

a discursar em público sem o apoio dos textos com os quais poderiam tentar disfarçar a sua incapacidade de usar espontaneamente a inteligência, para defender as suas ideias, ao vivo, com as suas próprias palavras.

Tal como se encontra no *Sobre os Sofistas*, isso significaria dizer que, “retardando os percursos do intelecto e exercitando a fala com hábitos que lhe são contrários, escrever em demasia deixa a psiquê impedida e acorrentada”<sup>44</sup>.

Nessa objeção se encontra um dos principais alvos da provocação feita por Alcídamente à Isócrates, que é quando o eleata diz “*estranhar que alguém reivindique para si mesmo a filosofia, comprometendo-se a ensinar os outros, tendo sempre em mão uma tábua escrita, ou um livro, para poder demonstrar sua sabedoria*”<sup>45</sup>. Na concepção de Alcídamente, sem o amparo da escrita, pretensos mestres sofistas, como Isócrates, Lísias, e outros, igualavam-se aos sem formação, mostrando-se leigos, ignorantes como os deseducados, encontrando-se, por isso, afastados, tanto da filosofia, como da retórica<sup>46</sup>.

Com essas observações, Alcídamente visava atingir em cheio o método de ensino que Isócrates usava em sua escola, o que se confirma pela própria fala de Isócrates, quando ele diz que costumava se apresentar para seus discípulos como “*um paradigma de tal qualidade, que, aqueles formados por ele seriam capazes de imitá-lo, tornando-se, por isso, melhores que todos os demais*”<sup>47</sup>. E, isso significa dizer, que, enquanto Alcídamente exortava a força da improvisação de discursos, valendo-se do caráter mimético das palavras vivas, enquanto ícones do pensamento<sup>48</sup>, Isócrates colocava a si mesmo como modelo, assumindo a pretensão de que, pautados por uma refinada sensibilidade, os seus textos, confeccionados com precisão (*akribéia*), se constituíssem como verdadeiro núcleo filosófico da sua *paidéia*.

A bem da verdade, é admirável que Isócrates tenha sido capaz tanto de expor publicamente pretensões tão grandiosas, como a proposição de uma *paidéia* filosófica que lhe reservava, sem a menor modéstia, o lugar de modelo prático-teórico para jovens candidatos a filósofos, como, também, de assumir, igualmente sem reservas, uma

---

onde o *agôn* dos discursos podia ser posto à prova. Ver também a ocorrência de *ισχυρόφωνός* em *Vida de Isócrates*. XXXIV. 36 e na *Vida dos Dez Oradores* (837 a), de Plutarco.

<sup>44</sup> Alcídamente. Op.Cit. §17.

<sup>45</sup> Alcídamente. Op. Cit. §15.

<sup>46</sup> Alcídamente. Op.Cit. §1-2.

<sup>47</sup> Isócrates. Op. Cit. §16-18.

<sup>48</sup> Alcídamente. Op. Cit. §28.

fragilidade que acabaria sendo explorada por Alcidas, em suas censuras, como foi o caso das confessas carências de “*uma voz apropriada*” e de “*audácia*”<sup>49</sup>, que acabaram alijando-o das práticas políticas de oratória pública, em Atenas.

Em uma espécie de auto-reflexão, já no posterior *Panatenaico*<sup>50</sup>, Isócrates chegaria a dizer que jamais desanimara, devido a essas faltas, não ficando, entretanto, “*sem glória e em total anonimato*”, pois, “*se, por um lado, fracassara na vida política, por outro, conseguiu se refugiar na filosofia, no trabalho e em escrever o que pensava*”.

Posto isso, note-se que, em algumas passagens do *Sobre os Sofistas*, Alcidas inusualmente empresta noções elementares de física<sup>51</sup>, para enfatizar sua perspectiva sobre uma dinâmica polarizada, entre o *lógos* falado e a *graphé*. Sendo o *lógos*, para Alcidas, compreendido como uma ação que dependeria de esforço, de vigor e velocidade, para se por em prática o pensar, através do dizer, enquanto que a grafia se caracterizaria pela imobilidade, pela fragilidade e pela simplicidade da tinta, uma vez que, “*os escritos se servem de uma única e mesma forma (schêma)*”, sempre *imutável*, “*imóvel*” (*akýnetos*)<sup>52</sup>. Demonstrando traços da dialética eleática gorgiana, fundada na *antilogia* e no uso de antíteses, assim, como, também, acionando o dispositivo do *eikós*, uma marca característica da antiga tradição retórica siciliana, Alcidas lança mão de exemplos, com o intuito de evocar imagens de estrutura simples, já conhecidas, em geral, pelas mentes dos ouvintes.

Na sequência que iremos observar, Alcidas faz lembrar o estilo que era atribuído a Zenão, para além de Górgias, jogando com noções elementares de movimento e força, para apontar, em um mesmo eixo argumentativo, semelhanças e dessemelhanças, entre o falar e o escrever.

<sup>49</sup> C.f. no *Panatenaico* (XII). 10-12 ou na *Carta a Felipe* (V. 81), onde Isócrates afirma não ser um ῥήτωρ além de não ter tido voz potente e nem atrevimento para poder “*insultar e vituperar os que freqüentavam a tribuna*”.

<sup>50</sup> (XII). §11. Usei aqui a tradução de Juan Manuel Guzmán Hermida.

<sup>51</sup> C.f. a alusão de Diógenes Laércio (*Vidas e Doutrinas dos Filósofos*. VIII. 56) ao livro *Físico*, para nós perdido, escrito por Alcidas. Ao que tudo indica, além de especular sobre a filosofia de jônios e itálias, nesse livro Alcidas registrou uma espécie de história da filosofia, onde, entre outras, analisou as relações de ensino entre Parmênides, Zenão e Empédocles, assim como “*sobre o afastamento de Zenão e de Empédocles, tendo esse passado a seguir idéias de Anaxágoras e a filosofia e o estilo de vida de Pitágoras*”; segundo Alcidas.

<sup>52</sup> Alcidas. Op. Cit. §28. Como nota Muir (*Alcidas*, 2001, p. 46), nessa época as analogias entre retórica e atletismo eram comuns, tendo como finalidade atrair a atenção de jovens com a transposição do ânimo das disputas esportivas, para os embates de oratória. Sobre este tipo de analogia, ver também em Antífote (*Tetralogia* II. 4-5), em Platão (*Sofista*. 231 e) e em Isócrates (XV. *Antidosis*. 180-185).

Propõe Alcidasante que, “*é esperado (eikós) que os que concluem tarefas difíceis, ao voltarem os seus pensamentos para as mais fáceis, consigam administrar as coisas com facilidade*”. No entanto, pelo contrário, “*torna-se árduo e hostil, o esforço nas tarefas difíceis, para os que só se exercitam nas fáceis*”<sup>53</sup>. E, sendo assim, “*os que conseguem erguer uma grande carga, passando para cargas mais leves, conseguirão facilmente manejá-las*”, enquanto, que, “*os que se esforçam somente com cargas mais leves não serão capazes de carregar as pesadas*”<sup>54</sup>.

Logo a seguir, Alcidasante usa duas imagens do repertório zenoniano, para construir sua analogia entre elementos de física e a dinâmica das linguagens, oral e escrita, a saber: a imagem da flecha arremessada<sup>55</sup> e a de Aquiles, o “*de pés ligeiros*”.

Diz Alcidasante que, de modo similar aos que praticam com cargas pesadas, “*um corredor veloz conseguirá acompanhar com facilidade os que são mais lentos, enquanto que, os mais lentos não serão capazes de acompanhar os mais rápidos*”<sup>56</sup>. E, ainda, os que são capazes de atirar uma flecha mirando em alvos distantes, serão capazes também de acertar facilmente em alvos próximos. Porém, “*não é claro se aquele que sabe lançar no que está perto, também o saberá fazer em algo que lhe esteja distante*”<sup>57</sup>.

É por essa via que Alcidasante conduz à idéia de que algo semelhante ocorre com o que é dessemelhante, isto é, mostrando, por analogia, uma mesma dinâmica, que serviria para ressaltar a discrepância entre os discursos vivos e a escrita, uma vez que seria evidente que “*os que se utilizam belamente dos discursos improvisados, ao dedicarem o seu ócio à escrita, em nada se diferenciariam dos fazedores de discursos (logopoiós)*”<sup>58</sup>, enquanto, que, por outro lado, os escritores contumazes, desabitua-

<sup>53</sup> Alcidasante. Op. Cit. §6.

<sup>54</sup> Alcidasante. Op.Cit. §7.

<sup>55</sup> Cabe lembrar que Alcidasante usa o argumento da flecha arremessada, contendo uma mensagem escrita, em seu discurso que completa uma antilogia forense sobre o *mýthos* de Palamedes, antilogia essa composta pela *Apologia de Palamedes*, de Górgias, e pelo [*Odisseu*] *Contra Palamedes, por traição*, de Alcidasante. Ver também a nota nº 3 da tradução do *Fedro*, feita por León Robin (1933, pág. 64), onde é sugerido que, nessa dita passagem, “*se trata de uma alusão a um eleata, sendo referidas, no drama platônico, as imagens zenonianas do duplo trajeto sobre o estádio, correspondendo a metade, e a flecha que voa, imóvel*”.

<sup>56</sup> Observar e comparar, aqui, a ocorrência de ποδώκης, em Alcidasante, com o epíteto com o qual Homero qualifica Aquiles, na *Iliada* (II. 860; 874).

<sup>57</sup> *Ibidem*.

<sup>58</sup> Sobre a ocorrência de *logopoiós* com o significado de *logógrafo*, ver em Platão (*Eutidemo*. 289 d-e).

esforço e do exercício contínuo dos debates e das conversações, “*teriam os seus raciocínios repletos de aporias e erros, ao tentarem falar com discursos improvisados*”.

Com mais moderação do que Alcídamente, no que tange ao recurso a exemplos retirados da física, Isócrates mostra saber usar esse tipo de lugar comum, do “*mais e do menos*”<sup>59</sup>, para enaltecer sua *techné*, quando, diz Isócrates, na *Antidosis*<sup>60</sup>, que: em sendo poéticos, “*os textos dotados de ritmo e de musicalidade recebem da filosofia, a sua força*”. Mas, os que são hábeis em discursos de fórum encontram-se distantes de saber escrever com sensibilidade e beleza, “*enquanto que, pelo contrário, os que dominam essa técnica [do bem escrever] saberão também executar com destreza os discursos de fórum [dikânikoi lógoi], caso assim o desejem fazer*”. Nesse caso, a inversão operada por Isócrates se encontraria no fato de Alcídamente ter afirmado que os logógrafos forenses eram os que melhor escreviam, na medida em que sua *techné* consistia em evitar a precisão (*akribéia*), mimetizando os que sabiam discursar improvisadamente, o que fazia com que o escrito se assemelhasse a verdade (*alétheia*)<sup>61</sup>.

Aproximando-nos de uma conclusão, cabe lembrar que, no seu *Contra os Sofistas*, Isócrates não fez de Alcídamente o seu único alvo, certamente, o que se vê quando Isócrates aponta que não só criticava os que observavam contradições entre as palavras<sup>62</sup>[como fazia Antístenes], como, também, “*os que passavam o tempo em discussões erísticas, buscando a verdade*”<sup>63</sup>, como fazia Platão, na opinião de Isócrates.

Para Isócrates, nenhum desses tinha interesse pela verdade (*alétheia*), ou pelo cuidado com a alma (*tê psychê epimelía*)<sup>64</sup>, sendo que, todos, sem exceção, afirmavam serem capazes de transmitir para os seus discípulos “*a ciência dos discursos e da escrita*”<sup>65</sup>.

Fazendo uma provável alusão a *autoschediastikê*, de Górgias e Alcídamente, como uma mera técnica fixa, Isócrates a censura, enquanto um pretense paradigma, de atividade criadora e criativa, fazendo uma sintética *apología* da linguagem escrita. E, se,

<sup>59</sup> C.f. em *Sobre o Céu* (281 a 7-17), onde Aristóteles dá um exemplo deste tipo de raciocínio ao propor que “*o que pode uma quantidade superior, poderá, também, as partes [menores] nela contidas, e, se conseguir percorrer cem estádios, conseguirá, também, percorrer dois, enquanto que, o que não consegue percorrer mil estádios, tampouco conseguirá percorrer mil e um*”. O mesmo tipo de raciocínio é usado pelo personagem Sócrates, de Xenofonte, como se pode observar no *Banquete* (II. 10).

<sup>60</sup> XV. 47-49.

<sup>61</sup> Alcídamente. Op. Cit. §13.

<sup>62</sup> Isócrates. Op. Cit. §7.

<sup>63</sup> Isócrates. Op.Cit. §1; §3 - 4.

<sup>64</sup> Isócrates. Op.Cit. §8.

<sup>65</sup> Isócrates. Op.Cit. §10: τῶν λόγων ἐπιστήμην ὥσπερ τὴν τῶν γραμμάτων.

por um lado, Alcidasante desqualificava a eficácia da grafia, devido a sua imobilidade, Isócrates, por sua vez, aduzirá às mesmas características formais, da escrita, para defender uma posição oposta. Dirá Isócrates, que é justamente pelo fato dos signos gráficos serem imóveis (*akýnetos*), e permanecerem sempre iguais, que, os que deles se utilizam, podem seguir usando sempre “*os mesmos para o mesmo*”, ao contrário do que ocorre com o *lógos*, que, sendo pronunciado por um, em determinada circunstância, não oferece a garantia de que poderá ser útil a outro, que vier a falar em seguida<sup>66</sup>.

Como bem observa Monique Tredé<sup>67</sup>, a precisão estilística da escrita era um fator fundamental para se entender certas diferenças, teóricas e práticas, entre Alcidasante e Isócrates, pois, se, para Isócrates, a eloquência era uma arte criadora (*poietikón pragma*), a perspectiva temporal da *autoschediastikê* alcidasantina, sendo própria a uma técnica fixa, não seria, por sua vez, capaz de aproveitar plenamente o *kairós*, como alardeava Alcidasante. Para Isócrates, seria justamente o caráter preciso da arte da escrita o que faria com que as letras expressassem com mais beleza, sensibilidade e exatidão, as idéias a serem expostas, estando elas de acordo com as demandas dos assuntos colocados em questão, em determinadas circunstâncias.

Por seu turno, Alcidasante lançou mão de uma inusitada imagem, para enfatizar o que considerava ser uma espécie de atrofia, *noética*, que a dependência de textos escritos seria capaz de provocar na *psiquê* humana. Propôs Alcidasante, que<sup>68</sup>:

Tal como os que depois de muito tempo se libertam de correntes e não podem andar com os outros, sem que voltem àquelas posições e movimentos cadenciados com os quais eram obrigados a andar quando estavam presos, do mesmo modo, a *grafia*, retardando os percursos do intelecto e exercitando a fala com hábitos que lhe são contrários, deixa a mente impedida e acorrentada<sup>69</sup>, surgindo como um obstáculo a toda fluidez, nos discursos improvisados.

Lembrando, em alguns aspectos, uma imagem usada por Platão, na *República* (VII), na passagem acima Alcidasante compara os escritores habituais com indivíduos acorrentados, que são incapazes de se mover com desenvoltura, mesmo vendo-se livres dos grilhões, uma vez que lhes faltaria os recursos que são próprios a quem age, ou discursa, livremente. Essa imagem alcidasantina é literalmente imitada por Plutarco,

<sup>66</sup> Isócrates. Op.Cit. §12.

<sup>67</sup> Trédé-Boulmer, M. 2015, pág. 267.

<sup>68</sup> Alcidasante. Op. Cit. §17.

<sup>69</sup> Comparar com imagens proporcionadas na *República*, de Platão (VII. 514 a- 518 d).

quando ele diz que: “*aqueles que ficaram acorrentados por muito tempo são incapazes de caminhar, quando lhes tiram os grilhões, enquanto, que, os que necessitam falar improvisadamente também não o conseguem fazê-lo, caso não tenham praticado isso*”<sup>70</sup>.

Tal como a perspectiva do poeta lírico Simônides, de que “*a pintura seria uma poesia silenciosa, enquanto que a poesia seria uma pintura que fala*”<sup>71</sup>, Alcidas considerava não ser justo chamar a escrita, de *lógos*, uma vez que os textos não passam de “*simulacro (eidôla), forma (schêmata) e imitação de discursos (mimémata lógon)*”<sup>72</sup>. Para esse sofista, seria justamente esse caráter pictórico, de formas plasmadas, o que justificaria a pouca utilidade da escrita, no dia a dia, pois, servindo-se de “*uma mesma forma e de uma única disposição*”, o que se teria com eles, escritos, seria o efeito de quando se lê um livro, “*que permanece sempre imutável, diante das circunstâncias*”<sup>73</sup>. Contrariamente a isso, para Alcidas, o *lógos* improvisado é vivo, segue os acontecimentos e se assemelha aos corpos reais<sup>74</sup>.

Diferentemente de Isócrates, não temos registros escritos de como esse debate sobre o alcance das linguagens, oral e escrita [imagética], teria sido elaborado por Alcidas, tempos depois da publicação desses manifestos, lembrando que, ao longo do IV<sup>o</sup> século a.C, a escrita começaria a se consolidar como um modo privilegiado de transmissão, capaz de constituir gerações e gerações de leitores.

Mais de duas décadas depois desse certame com Alcidas, Isócrates endereçou uma missiva ao velho tirano, Dion de Siracusa<sup>75</sup>, deixando transparecer que as antigas marcas do *agôn*, entre ele e Alcidas, não haviam se apagado totalmente. No início dessa carta, Isócrates diz que, fosse ele mais jovem, não escreveria uma carta, mas, sim, iria ao encontro de Díon, pois ele reconhecia que, aos que desejam aconselhar, não convém tratar por escrito, mas, sim, pessoalmente, e isso não só porque

<sup>70</sup> C.f. em *De liberis educandi*. 6 e. Usei a tradução de Concepción Otal e José García López, com algumas modificações.

<sup>71</sup> C.f. sobre Simônides como precursor da sofística, com as suas *práxis* de mnemotécnica e a cobrança de pagamento pela demonstração de sua arte, ver em Livov, G. & Spangenberg, P. (*La emergência de una proto-retórica em la tradición poética*. In *La palabra e la ciudad*. Buenos Aires. Ed. La Bestia Equilátera. 2012, pgs. 56-57).

<sup>72</sup> Alcidas. Op. Cit. §27. C.f. também em Górgias, o poder de afecção da *graphé* (*Elogio de Helena*. §18).

<sup>73</sup> Alcidas. Op.Cit. §28. C.f. a mesma idéia no *Fedro* (276 a-b), de Platão.

<sup>74</sup> Ibidem. Uma idéia similar a essa se vê na terceira e conclusiva tese do *Tratado do não ser*, de Górgias, e no *Fedro* (276 a), de Platão.

<sup>75</sup> *Carta a Dionísio de Siracusa*. (1-6).

falamos com mais facilidade cara a cara, do que através da escrita, e nem porque as pessoas confiam mais em palavras, do que em textos, escutando as primeiras como opiniões, e os segundos como peça literárias.

Também no discurso *Felipe* (§25-26), já próximo ao fim de sua vida, Isócrates diria o seguinte, ao pai de Alexandre:

Em seu poder de convicção, certamente não me passa despercebido o quanto que se diferenciam os discursos que se pronunciam, dos que são lidos. Muito menos que todos entendam que os primeiros são pronunciados quando se trata de assuntos sérios e urgentes, enquanto que os segundos são escritos para se fazer demonstrações (*epideixis*) ou exercícios pessoais. Quando um discurso fica privado da fama (*dôxa*) do orador, da sua voz e das variações que se produzem nas declamações, assim, como, do *kairós* e do esforço de sua execução, isto é, quando nada há que ajude a convencer, ele fica abandonado e desnudo, sendo lido sem convicção e sem que lhe imprimam o seu caráter; tal como se faz quando se contam números.

Enfim, Isócrates viveu até aproximadamente o ano de 338 a.C, quando, com a exceção de Aristóteles, os seus principais rivais e concorrentes já não mais se encontravam vivos. Sem fechar a grande questão discutida com seu discípulo Alcidas, Isócrates parece ter recuado em alguns pontos, cedendo teoricamente, em parte, à inegável potência da palavra presencial, ao passo que, paralelamente, observava, certamente com algum prazer, a consolidação da escrita como um potente e privilegiado instrumento de transmissão de saberes.

Para além dessa constatação, cabe ressaltar a importância dada, na antiguidade grega, a essa discussão, em torno das qualidades das linguagens, oral e escrita. Tendo esse tema sido discutido, não só no âmbito das disputas filosóficas, entre antigos mestres oralistas e escritores, ávidos por captar discípulos, como, também, no campo da poesia, onde não se pode deixar de citar Aristófanes, com sua memorável teatralização de um hipotético *agôn*, entre os poetas Ésquilo, representando a grandiloquência homérica, que foi, em parte, adotada por Górgias, e Eurípides, que, no dizer de Ángel Castello, “*pode ser perfeitamente identificado com os que cultuavam uma estilística baseada na excelência da escrita*”<sup>76</sup>, como foi o caso de Isócrates, entre outros.

---

<sup>76</sup> A respeito da associação do estilo homérico, oralista, de Ésquilo, com Górgias, e do *genus tenue*, encarnado em Eurípides, ver em Castello, L. A. e Marsico, C. *El alegato del SDE: entre la oralidad y la escritura*. In *Como decir lo real*. Pág. 64-65. C.f também a perspectiva de Eurípides sobre o alcance da escrita, no fragmento 578.1 de sua tragédia, perdida, *Palamedes*, onde esse herói dos *Cantos Cyprios* é descrito como “*o criador da escrita enquanto um remédio (phármakon) para o esquecimento*”.

Na verdade, boa parte da herança da sofística gorgiana, percebida por Alcídante, remonta ao estilo poético de Homero, a quem Górgias fazia descender às *Musas*, como diz Plutarco<sup>77</sup>. No caso, teria sido também às *Musas* que Alcídante dedicou o livro onde reuniu boa parte da sua doutrina filosófica, o *Museo*, do qual só nos restaram fragmentos e citações, em obras posteriores, como as de Aristóteles, Cícero, Plutarco, Luciano de Samósata e Nietzsche, entre outros.

E, se, como insinua Avezzù<sup>78</sup>, Luciano empresta, no *Banquete*, características do herdeiro de Górgias para compor seu personagem cínico, Alcídante, nada nos impede de pensar que Luciano pudesse estar humoradamente destacando traços do *êthos* de Alcídante de Eléia, para incrementar as suas próprias críticas aos filósofos que diziam uma coisa, mas, que, na prática, faziam outras, totalmente distintas daquilo que apregoavam em suas respectivas doutrinas. Digo isso, porque, coincidentemente, um desses traços ressaltados por Luciano é o efeito da ação impactante do discurso alavancado pela voz possante de Alcídante, seu personagem, algo que não só vai de encontro com aspectos da *apologíá* alcídantina do *lógos* espontâneo, como realça os duros ataques de Alcídante à Isócrates, devido à sua timidez e voz débil. Na escrita de Luciano, entre os convivas do *Banquete*, somente Alcídante agia conforme a sua concepção filosófica, um tanto quanto rude, é fato, mas suficientemente franca para fazer com que os demais convidados evitassem a *parresía*, em sua presença<sup>79</sup>.

Some-se a essa leitura, a intrigante ocorrência do *hápax* κερραξιδάμας [*Kekraxidámas*: κέρραγα; δαμάω], cunhado por Aristófanes, na peça *Vespas* (422 a.C.)<sup>80</sup>, como epíteto do demagogo Cléon, significando algo como “aquele que conquista tudo no grito”<sup>81</sup>, mas, que, também, é apontado no léxico *Liddell-Scott-Jones*, por analogia a Alcídante [Ἀλκιδάμας]<sup>82</sup>. Diante disso, sobre essas possibilidades de

<sup>77</sup> *Vida de Homero*. 24.

<sup>78</sup> Avezzù, 1982, págs. 68-69. A caracterização do personagem Alcídante, de Samósata, como um filósofo cínico, pode ter relação com o papel do personagem Antístenes, do *Banquete* de Xenofonte, somando-se a isso o fato de Alcídante ter escrito uma obra chamada *Elogio de Proteu, o Cão* (c.f. em Menandro. *Sobre os Discursos Epidícticos*. III. 346, 17-19)).

<sup>79</sup> *O Banquete*. 12-13. Usei aqui tradução de Custódio Magueijo.

<sup>80</sup> *Vespas*. 596.

<sup>81</sup> C.f. onde Marjorie Milne (1922, pg. 11) especula que Aristófanes pode ter usado algumas figuras de linguagem de Alcídante, para aplicá-las na comédia *Rãs* (405 a.C.).

<sup>82</sup> C.f. em Luciano de Samósata (*Banquete*. 12), onde se diz que os convidados “murmuravam outras palavras, certas e espirituosas, mas ninguém se atrevia a dizê-las em voz alta, pois tinham medo de Alcídante, que possuía voz potente, sendo o mais ladrador de todos os... cães”. Sobre isso, ver também características da *léxis* de Menelau na *Ilíada*. II. 208.

leitura, fica-se com a impressão de que ainda há muito para ser investigado, sobre as relações do pensamento de Alcídãmante, com os de seus coetãneos, Lísias, Isócrates, Antístenes e Platão. Sendo oportuno encerrar o presente texto, lembrando as palavras de Léon Robin, diante do espanto em constatar a inexplicável e enigmática ausência do nome de Alcídãmante, no *Fedro*<sup>83</sup>, um lugar filosófico que seria mais do que esperado, para se encontrar alusões a esse animado discípulo de Górgias.

Talvez, quem sabe (?), não devamos tentar inferir tanto sobre os motivos dos silêncios, mas, sim, tentar interpretar o que as palavras podem estar nos dizendo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCIDAMANTE DE ELEA. *Testimonios y Fragmentos*. Madrid. Ed. Gredos. Trad. Juan Luis López Cruces, Javier Campos Daroca y Miguel Ángel Márquez Guerrero. 2005.
- ANAXÍMENES. *Retórica a Alexandre*. Trad. José Sánchez Sanz. Salamanca, Ed. Universidad de Salamanca. 1989.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Quintín Racionero. Madrid. Ed. Gredos. 1994.
- AVEZZÙ, G. *Alcidãmante. Orazioni e frammenti*. Testo, introd., trad. e note a cura di G. A. (Boll, Ist. Filol. Gr., Suppl. 6). Roma, 1982.
- CASTELLO, A. L. *La tensión entre la oralidad y escritura em Grecia y el testimonio de Alcídãmante de Elea*. Buenos Aires. Ed. de la Facultad de Filosofía y Letras Universidade de Buenos Aires. 2010
- CÍCERO. *Brutus*. Trad. Jules Martha. Paris. Belles Lettres. 2014.
- DIONISIO DE HALICARNASSO. *Tratados de Crítica Literária*. Trad. Juan Pedro Oliver Segura. Madrid. Ed. Gredos. 2005.
- DIÓEGENES LAÉRCIO. *Vidas y opiniones de los filósofos*. Trad. Carlos García Gual. Madrid. Ed. Alianza. 2007.
- FILÓSTRATO. *Vida dos Sofistas*. Trad. María Concepción Giner Soria. Madrid. Ed. Gredos. 1999.
- GAGARIN, M. *Early Greek Political Thought from Homer to the Sophists*. New York: Ed. Cambridge University Press. 1995,

---

<sup>83</sup> *Phédre*, 1933, CLXIII-CLXIV.

- GORGIAS. *Testemunhos e Fragmentos*. Trad. de Manuel Barbosa e de Inês de Ornellas e Castro. Lisboa: Ed. Colibri, 1993
- ISÓCRATES. *Discursos I*. Trad. Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid. Ed. Gredos. 1979.
- \_\_\_\_\_. *Discursos II*. Trad. Juan Manuel Guzmán Hermida. Madrid. Ed. Gredos. 1980.
- LUCIANO. *Obras I*. Trad. Andrés Espinoza Alarcon. Madrid. Ed. Gredos. 1981.
- MILNE, M. J. *A study in Alcidamas and his relation to contemporary sophistic*. Tese, Pennsylvania, 1924.
- McCOY, M. *Platão e a retórica de filósofos e sofistas*. São Paulo. Ed. Madras. 2010.
- MUIR, J.V. *Alcidamas*. London. Ed. Bristol Classical Press. 2001.
- PLATÃO. *Phèdre*. Trad. Léon Robin. Paris. Belles Lettres. 1933.
- QUINTILIANO. *Instituição Oratória*. Tomo I. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Campinas. Unicamp. 2015.
- RADERMACHER, L. *Artium scriptores (Reste der voraristotelischen Rhetorik)*, Viena, 1951,132-147 (*S, O, frs.*).
- TRÉDÉ-BOULMER, M. *Kairos. L'à-propos et l'occasion*. Paris. Belles Lettres. 2015